



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

MARIA DO SOCORRO VASCONCELOS DANTAS

**(IN)DISCIPLINA NA SALA DE AULA E DESAFIOS DO
COTIDIANO ESCOLAR NA CONTEMPORANEIDADE:
UM OLHAR SOBRE O UNIVERSO DA SALA DE AULA**

JOÃO PESSOA – PB

2014

MARIA DO SOCORRO VASCONCELOS DANTAS

**(IN)DISCIPLINA NA SALA DE AULA E DESAFIOS DO
COTIDIANO ESCOLAR NA CONTEMPORANEIDADE:
UM OLHAR SOBRE O UNIVERSO DA SALA DE AULA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Profa. Ma. Simone Joaquim Cavalcante

JOÃO PESSOA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

D192i Dantas, Maria do Socorro Vasconcelos
(In)disciplina na sala de aula e desafios do cotidiano escolar na contemporaneidade: um olhar sobre o universo da sala de aula [manuscrito] : / Maria do Socorro Vasconcelos Dantas. - 2014.
37 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Simone Joaquim Cavalcante, Departamento de Educação".

1. Indisciplina escolar. 2. Cotidiano escolar. 3. Práticas pedagógicas. I. Título.

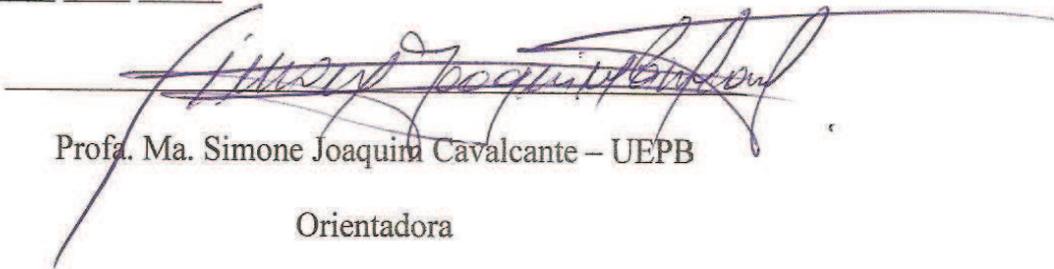
21. ed. CDD 371.58

MARIA DO SOCORRO VASCONCELOS DANTAS

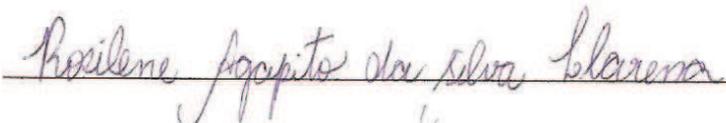
**(IN)DISCIPLINA NA SALA DE AULA E DESAFIOS
DO COTIDIANO ESCOLAR NA
CONTEMPORANEIDADE: UM OLHAR SOBRE O
UNIVERSO DA SALA DE AULA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Aprovada em: 19/07/2014

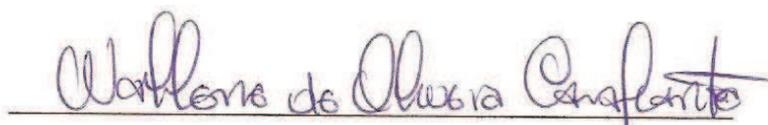

Prof. Ma. Simone Joaquina Cavalcante – UEPB

Orientadora


Prof. Ma. Rosilene Agapito da Silva Llarena – UEPB

Prof. Ma. Rosilene Agapito da Silva Llarena – UEPB

Examinadora


Prof. Esp. Wallene de Oliveira Cavalcante – UEPB

Prof. Esp. Wallene de Oliveira Cavalcante – UEPB

Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus. Em especial a minha filha Elisa e minha neta Suellen, pelo apoio e ajuda nos momentos mais difíceis. Aos meus filhos e esposo, todos os meus familiares e pessoas intimamente ligadas a minha vida, que no momento de desenvolvimento deste, me ajudaram com carinho, paciência e compreensão. Aos meus mestres, em especial a Profa. Ma. Simone Joaquim Cavalcante, pela dedicação, apoio e ensinamentos.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, por ter proporcionado a força necessária para superar as dificuldades no decorrer do curso, não permitindo que eu desistisse. Aos professores do curso pelo apoio e compreensão. De modo especial a minha orientadora Profa. Ma. Simone Cavalcante pela atenção, empenho, paciência e apoio, sempre dedicada e pronta para nos atender, obrigada por tudo.

A meus filhos Moacir Filho, Jackson e Elisa, razão da minha vida, que me incentivaram a correr atrás dos meus objetivos, agradeço de coração. Meu esposo Moacir, companheiro dedicado e sempre preocupado comigo, obrigada pela paciência e compreensão. Aos meus netos: Suellen, Lickson e Pietro, meu carinho especial.

Aos amigos da turma, pelas ótimas histórias vividas, pela amizade e por ajudar a tornar a vida acadêmica muito mais divertida, pelas agradáveis lembranças que serão eternamente guardadas no coração, muito obrigada.

A todas as pessoas do meu convívio, que acreditaram e contribuíram, mesmo que indiretamente, para a conclusão deste curso.

As professoras das turmas em que eu realizei este trabalho.

Por fim, agradeço a todos os meus amigos, que direta ou indiretamente, estiverem presentes ao longo dessa caminhada, palavras ternas e incentivadoras, abraços fraternos e mãos encorajadoras. A todos, minha sincera gratidão!

RESUMO

A indisciplina na sala de aula faz parte de uma problemática muito discutida na atualidade. É o grande desafio para o corpo docente, discente e gestores das escolas, interferindo na aprendizagem dos alunos e alunas, tanto dos que provocam como dos que se sentem prejudicados. Pensando nessa situação, é que foi desenvolvido este trabalho monográfico focalizando duas turmas do 4ºano em uma escola de ensino fundamental no bairro do Cristo Redentor em João Pessoa (PB) no turno da manhã. Procurei trabalhar com as professoras coletivamente essa questão da indisciplina porque acho que pode ser o caminho não só para o enfrentamento deste desafio, mas para que possa contribuir significativamente no sentido de buscar possíveis mudanças na forma de pensar e agir em suas práticas pedagógicas. Para tanto foi feita a pesquisa do referencial teórico de acordo com o tema em questão, dialogamos com: Aquino (1998); Vasconcellos (2000); Carrano (2008), Freire (1996); Tiba (1996), entre outros.

Palavras-chave: (In)Disciplina. Contemporaneidade. Sala de aula.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. (DES)CAMINHOS E DESAFIOS DAS PRÁTICAS DOCENTES: A (IN)DISCIPLINA NO UNIVERSO DA ESCOLA.....	11
2.1 O PAPEL DA ESCOLA E OS DESAFIOS DA INDISCIPLINA.....	17
2.1.1 OS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO.....	17
2.1.2 A PUNIÇÃO COM REPRESSÃO.....	19
2.1.3 OS PRINCÍPIOS BÁSICOS DA EDUCAÇÃO.....	22
2.1.4 O PAPEL DO PROFESSOR/EDUCADOR.....	24
3. UM OLHAR SOBRE O UNIVERSO DA SALA DE AULA: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS EM CONTEXTOS DE (IN)DISCIPLINA.....	25
3.1 ENTRE O REAL, O IMAGINADO E O DESEJADO EM CONTEXTOS DE (IN)DISCIPLINA.....	25
3.2 CENÁRIOS E SUJEITOS.....	27
3.3 POSTURA DO ALUNO/ALUNA DIANTE DA INDISCIPLINA EM SALA DE AULA.....	27
3.4 A FAMÍLIA E A ESCOLA (DIREITOS E DEVERES).....	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
5. REFERÊNCIAS.....	35
6. ANEXO - QUESTIONÁRIO.....	37

1. INTRODUÇÃO

A indisciplina na escola e, principalmente, na sala de aula tem sido objeto de estudos e frequentes queixas dos professores e professoras, gestores e gestoras das escolas públicas e privadas do nosso país, o tema em questão também tem sido motivo de preocupações, desse modo, tem-se apresentado como um dos maiores problemas, na atualidade, enfrentados pelos educadores e educadoras e toda gestão escolar de forma geral.

Dessa forma, o objetivo central do nosso estudo tem como base em primeiro lugar: refletir sobre a questão da (in)disciplina no contexto da sala de aula, a partir de identificação e das análises desses comportamentos, que leva toda a comunidade escolar a pensar sobre os comportamentos dos sujeitos na contemporaneidade e, os inúmeros desafios que nós, professoras e professores, gestores e gestoras, corpo técnico e demais colaboradores da escola, vivenciamos diuturnamente; não no sentido restrito, unilateralmente, da punição ou não punição, mas porque estamos vivenciando estes comportamentos de forma mais intensa, que interpelam nossas práticas pedagógicas e como lidamos com tais realidades. Nesta direção, almejamos refletir também, sobre até que ponto a insatisfação dos alunos e alunas com as aulas e/ou com a escola, tem influenciado, principalmente, na questão ou da indisciplina.

É importante que o professor e/ou professora, mesmo diante dessa problemática, que é a indisciplina, seja o(a) articulador(a) no processo educativo; que conquiste a confiança e o respeito dos seus alunos e alunas. Esse profissional deve exercer a sua autoridade (mas, não o autoritarismo). Isso não implica que o professor e/ou professora deva ser autoritário em sua prática, pois não se faz educação com autoritarismo, mas com uma autoridade de quem é o “mestre”, é o condutor do processo ou melhor mediador(a) da relação ensino-aprendizagem – na confiança recíproca entre ambos – alunos e professores. O aluno e/ou aluna, muitas vezes, precisa de um referencial para a construção do seu conhecimento. Destarte, a disciplina deve ultrapassar os portões e muros da escola. Para tanto, buscá-la deve ser um dos nossos principais objetivos, tanto na escola, como em seu entorno.

Sabe-se que, no mundo contemporâneo, os desafios, demandas e exigências são muitos, por isso, acredito que, pessoas disciplinadas vivam mais, talvez consigam melhores resultados, nesse contexto de competição exacerbada. Nessa perspectiva, “A escola é um ambiente socialização e esta é, a importância de ter claro sua parcela de contribuição na formação moral de seus alunos” (PIAGET, 2000, p. 27).

Sob esse contexto, optei por realizar este trabalho intitulado “(In)disciplina na sala de aula e desafios do cotidiano escolar na contemporaneidade: um olhar sobre o universo da sala de aula” porque, na unidade de ensino onde desenvolvo minhas atividades profissionais docentes, convivo com professores e professoras que conseguem, através do diálogo e da tolerância, que “sua” sala de aula permaneça em ordem, com alunos e alunas interessados e bem adaptados, aos acordados para uma boa convivência¹. Em contrapartida, existem professores e professoras que na mesma sala, não conseguem dar aula, sem que tire dois ou três alunos e/ou alunas da sala todos os dias, para poder prosseguir, com êxito, na aprendizagem dos que são interessados(as).

Este trabalho apresenta uma importância social pois, a problemática abordada é foco de constantes debates atuais, na intenção de combater essa exaustiva e desafiadora problemática, que influencia, significativa e negativamente, a oferta de uma educação de qualidade, necessitando assim, a elaboração de estratégias eficazes perante ao contexto escolar; a escolha dessa temática ocorreu também, no sentido de aumentar meus conhecimentos pessoais (prevenção, causas, sinais e consequências), uma vez que, apesar de conviver com situações que possam ser incluídas nesse contexto, nunca estudei esse assunto com afinco. No que se refere a relevância profissional, através dessa abordagem teórica e prática, será realizada uma auto-reflexão acerca das práticas pedagógicas exercidas, como também, procurar-se-á melhor estudá-las para, com mais segurança, driblar os desafios que são enfrentados por mim, diuturnamente, diante do exercício educativo. Esse estudo também pode instigar novas pesquisas interdisciplinares, principalmente, para a criação de elementos e instrumentos que favoreçam, perante a problemática do contexto escolar, a formação cidadã.

Este estudo foi de caráter exploratório–descritivo e de abordagem qualitativa, pois, conforme Gil (1994) classifica-se como pesquisa exploratória aquela que proporciona um maior conhecimento para o pesquisador e/ou pesquisadora acerca do assunto, a fim de que esse possa formular problemas mais precisos ou criar hipóteses que possam ser pesquisadas por estudos posteriores na área científica. Segundo esse autor, o objetivo da pesquisa descritiva é proporcionar a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis, levantamento de opiniões, atitudes e crenças. A pesquisa qualitativa difere, em princípio, do quantitativo à medida que não emprega um instrumental estático como base do processo de análise de um problema; a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, crenças, valores e atitudes, o que

¹ O caso do nosso professor da disciplina de Inglês.

corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis; é empregada, portanto, para a compreensão de fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna (MINAYO, 1999). Essa pesquisa foi realizada na E. E. E. F. Gonçalves Dias, através da aplicação de um questionário (com perguntas abertas) a duas turmas do 4º ano do Ensino Fundamental I, composta por 10 e 12 alunos(as), respectivamente, como também, foram realizadas conversas “informais” com as professoras de ambas as turmas, a respeito da (in)disciplina.

Para a elaboração deste estudo utilizou-se também, o método observacional que é definido por Alyrio (2008) como sendo baseado em comportamentos de natureza sensorial, principalmente pelos atos de ver e escutar; pode-se obter resultados precisos a partir desde método, desde que seja criteriosamente planejado e realizado sob normas rígidas. Nesta pesquisa monográfica foram utilizadas várias fontes bibliográficas que permitissem o confronto de ideias essenciais para o posicionamento científico e objetivo. A reunião do material para a constituição da fundamentação teórica baseou-se em artigos científicos e outros referenciais pertinentes a este estudo, os quais, passaram por constantes atualizações e ajustes. Através da leitura analítica dos textos, selecionei os mais atuais sobre essa temática.

Já no que corresponde ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação e Práticas Pedagógicas Interdisciplinares², promovido em parceria com a Secretaria de Estado da Educação, através da Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba e da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), este trouxe a tona reflexões sobre a escola, onde pude rever minhas práticas pedagógicas e renovar as ideias a respeito da educação e da aprendizagem como um todo, especialmente no que corresponde a influência da (in)disciplina nesse contexto. A esse respeito, várias experiências foram vivenciadas a cerca do comportamento dos alunos e alunas, como também, de como alguns professores e professoras demonstraram não saberem lidar com a falta de disciplina na sala de aula; verificou-se também que, a indisciplina não surge apenas nos alunos e/ou alunas, mas estava (e ainda está) presente na maneira como alguns professores e professoras se comportam na sala de aula. É por entender que: é preciso urgentemente realizar um trabalho junto aos professores e professoras, no sentido de compreender as razões que favorecem os alunos e alunas a serem indisciplinados – que fatores contribuem e, que caminhos devemos trilhar para minimizar um problema tão desafiante, que muitas vezes, vem acompanhado de muita violência. É importante mencionar

² Realizado na modalidade presencial no período de janeiro de 2013 a janeiro de 2014.

que: os professores(as) e orientadores(as) do curso nos levaram a questionar as nossas próprias vivências enquanto educadores e educadoras, (re)ver nossas atitudes para com os alunos e alunas, frente as nossas práticas docente.

Como sou pedagoga, tenho um papel muito importante a desempenhar na sociedade, sendo responsável pela formação cidadã, por isso, senti a necessidade de discutir a temática da indisciplina, e no decorrer do curso, fui amadurecendo a ideia, pedindo opiniões aos professores e professoras, orientadores e orientadoras, que foram ferramentas fundamentais para o meu aprendizado e para a escolha do tema em questão. Nessa direção, comecei a refletir e analisar esta problemática tão desafiadora, e, através de leituras, também cheguei à conclusão que: a indisciplina, não é um comportamento que deve ser visto como causa de deficiência da prática docente; na verdade, precisamos entender que a indisciplina é uma transgressão às regras constituídas socialmente, as quais são formuladas com base em princípios e valores que visam o bem comum e regras convencionais, definidas por um grupo, com objetivos específicos.

Este estudo, portanto, está centrado como principal objetivo: compreender que fatores contribuem para o ato da indisciplina na sala de aula e que estratégias e ou práticas pedagógicas podemos utilizar, no sentido de minimizar esse problema, que gera tanta polêmica no meio educacional, social e profissional. Portanto, o desafio está posto.

2. (DES)CAMINHOS E DESAFIOS DAS PRÁTICAS DOCENTES: A (IN)DISCIPLINA NO UNIVERSO DA ESCOLA

Compreendemos que a escola está em crise dos “tempos pós-moderno”, estas crises tem se manifestado de muitas formas, tais como: alunos(as) gazeiam aulas, são constantemente desobedientes, danificam materiais, ausência de respeito mútuo (entre seus pares e, mesmo com os professores e professoras, como sabemos), entre outros aspectos subjacentes ao convívio, no contexto escolar; mas com certeza, um dos desafios mais difíceis que temos de enfrentar certamente, tem sido a indisciplina, que prejudica, significativamente, o processo de ensino-aprendizagem, fazendo com que, muitas vezes, a unidade de ensino, não alcance, com êxito, seu maior objetivo, que é a formação cidadã, ou seja, a instrução educativa para tornar os estudantes, sujeitos ativos, críticos e capacitados para intervir na realidade, considerando as necessidades coletivas, bem como, respeitando os valores humanos, os quais, constituem a base de um bom convívio social.

Para continuar falando sobre a questão da indisciplina e suas implicações, faz-se necessário mencionar algumas considerações sobre o que é “disciplina”. Relendo alguns autores entendi que é essencial a restauração da disciplina na escola, pois sem ela, fica difícil conseguir um bom resultado no processo pedagógico.

De acordo com (Tiba, 1996, p. 117) a disciplina é:

um conjunto de regras que devem ser obedecidas tanto pelos professores, quanto pelos alunos para que o aprendizado tenha êxito. Portanto, é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em sala de aula e conseqüentemente na escola.

O termo disciplina trata de regras ou normas de convivência presentes no ambiente escolar que devem ser obedecidas. Essa obediência deve ser efetivada tanto pelos alunos e alunas, quanto pelos professores e professoras, para que se obtenha uma aprendizagem eficiente.

De acordo com o dicionário Ferreira (2001, p. 188) a palavra disciplina é o “regime de ordem imposta ou consentida. Ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização. Relação de subordinação do aluno ao mestre”.

Já conforme De La Taille (1994 apud PIAGET, 1998, p. 40) referência nos estudos sobre (in)disciplina, conceitua a disciplina e indisciplina, ressaltando que:

Quanto a conceituação de indisciplina e por conseqüentemente de disciplina, definimo-la como toda ação executada pelo sujeito e que está em desacordo com as leis impostas ou construídas coletivamente, tendo o indisciplinado consciência ou não deste processo de elaboração.

No dicionário Houaiss (2011), a palavra indisciplina significa: desobediência, insubordinação. Para mim, essa desobediência ou insubordinação é uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos educadores e educadoras para o desenvolvimento de um trabalho pedagógico satisfatório.

A disciplina então, é um conjunto de regras ou normas de uma instituição que devem ser seguidas. Neste caso da escola, o aluno e/ou aluna é disciplinado quando acata as regras, obedece aos professores e professoras, participa das atividades e assim sendo, obtém êxito na sua vida escolar e pessoal.

Após essas definições, a disciplina, na minha opinião, é um processo consensual, que considera o que deve ser colocado para o bem comum; são valores que se adéquam de maneira clara e objetiva ao bom andamento da relação professor/aluno. Mas, para que isto aconteça, depende muito do professor e/ou professora, que pode conseguir diferentes resultados, em uma mesma sala de aula. Segundo Oliveira (2005, p. 65), a questão do saber ouvir o outro já se configura em um importante passo nas inter-relações no contexto da sala de aula, desta forma:

se o professor souber ouvir o aluno sobre suas dificuldades pessoais ou escolares, já favorecerá em muito o relacionamento e o clima da sala de aula. Porém, não se trata de atender as vontades dos alunos, mas de aproximar-se dele e conhecer suas dificuldades para melhor exercer seu papel de educador.

Em relação à questão da indisciplina no universo da sala de aula, focalizarei este estudo considerando/observando o contexto em que estou inserida, isto é, a escola onde trabalho. Os alunos e/ou alunas na maioria das vezes, são oriundos de pais separados, família desestruturadas (em que as cenas de violência são frequentes), etc; toda essa problemática se reflete no contexto escolar; são alunos e/ou alunas carentes de apoio afetivo e compreensão; apesar de que, alguns são ríspidos e ao mesmo tempo, tímidos. Os relatos sobre as vivências/cotidiano são diversos, alguns narram, com facilidade, sobre as suas angústias, outros preferem o silêncio. Vejo que o professor e/ou professora exerce uma influência direta sobre seus alunos e/ou alunas, a partir da sua personalidade, das atitudes e da relação que mantém com estes/estas. Ao se sentirem “seguros”, passam a confiar e a respeitar o professor

e/ou professora, daí percebemos, claramente, uma relação repleta de afetividade e subjetividades entre alunos(as) e professores(as); isso também faz parte do universo das relações educacionais.

Em conversa com os alunos e/ou alunas ditos como “rebeldes”, pelos depoimentos apresentados, percebo a carência de afetividade por parte dos mesmos, mas também, o desprezo com que eles(as) tratam os professores e/ou professoras com os quais eles(as) não se identificam, colocando apelidos e outros desafetos.

Procuo orientá-los sobre estas atitudes; o aluno e/ou aluna “indisciplinado” tem resistência ao novo e a escola, por sua vez, pensando em acertar, adota a valorização da democracia, da cidadania e do respeito, com o objetivo de melhorar as condições de aprendizagem e a disciplina. Porém, com alguns alunos e/ou alunas, essas ações surtem efeito, já com outros, não.

Para Celso Antunes (2002, p. 18) o espaço escolar e, sobretudo, a sala de aula, se traduz em extensão do cotidiano dos sujeitos, pois:

A sala de aula é e sempre foi um espaço que expressa a continuidade da vida, reflexo do entorno da escola. Se assim não for, não será uma sala de aula verdadeira, não permitirá que o aluno contextualize em sua existência os saberes que ali aprendem.

Tenho vários depoimentos de alunos e alunas em que eles(as) fazem uma comparação sobre o que pode ou não pode, dentro da escola; eles dizem: em casa eu faço assim, porque aqui não? Estes, a meu ver, são os alunos e/ou alunas que não têm limites, e o espaço do lar, desta maneira, se manifesta violentamente no espaço escolar. Querem trazer para dentro da escola a indisciplina que campeia na rua, e isto tem sido palco de constantes conflitos e confrontos, pois a escola tenta, a partir de seus padrões, estabelecer uma ordem, a qual, muitas vezes, não é vivenciada por esses sujeitos escolares.

No dia a dia da escola, nós orientadores(as), enfrentamos grandes desafios referentes a indisciplina; procuramos acompanhar os alunos e alunas, além de orientá-los, chamando-os para a “realidade da vida”, mas ao mesmo tempo, não podemos esquecer que a realidade acontece ali mesmo, entre os “muros da escola”. Também convocamos a família para conhecê-los melhor, fora do contexto escolar, e juntos conduzirmos este processo do enfrentamento da indisciplina.

A indisciplina na sala de aula chama a atenção de todos, pois é uma problemática constante e crescente em nossas escolas; as regras de boa convivência parecem não ter mais importância para alguns alunos e/ou alunas.

Além disso, a falta de incentivo por parte de alguns pais é notória; alguns alunos e/ou alunas são obrigados a frequentar a escola devido às bolsas de incentivo do governo federal (os estudantes dizem isto abertamente). Quando interpelados sobre seu desempenho na sala de aula vem a pergunta: *estudar para que?* Logo, verbalizam: *se tem tanta gente que estudou e está desempregada?* Às vezes, até o próprio pai: ficamos impotentes. A conjuntura socioeconômica denuncia o descaso, por parte das autoridades governamentais, em relação às condições de vida e de existência dos sujeitos em situação de vulnerabilidade socioeconômica crítica. Assim, questiono-me sobre como lidar com esses impasses que fazem parte do cotidiano escolar e, que na maioria das vezes, dificultam o aprendizado desses alunos e/ou alunas.

A família é a base do processo educativo da criança, todos os aprendizados de desta vão depender da sua educação doméstica. Por isso, é de fundamental importância a participação da família na escola; quando a família caminha junto com a escola, se inteirando das atividades existentes, do comportamento dos filhos, participando das reuniões, dando opiniões, etc. é possível que a criança se desenvolva mais estruturada, procurando participar e se adaptando às regras da instituição onde estuda.

Segundo Aquino (1998, p. 9) “Há muito tempo os distúrbios de indisciplina deixaram de ser um evento esporádico e particular no cotidiano das escolas brasileiras, para se tornarem, talvez, um dos maiores obstáculos pedagógicos dos dias atuais” em que nós, professores e professoras, somos, cotidianamente, desafiados a pensar, refletir e agir sobre esta situação em que, muitas vezes (e quase sempre), não alcançamos êxito, porque também, não estamos devidamente preparados(as) para tais desafios. A nossa educação (formação profissional) há muito, postulou um discurso do autoritarismo na sala de aula e, que hoje, esta prática, nem mesmo funciona mais. Por isso, ficamos cada vez mais desorientados(as) no nosso fazer pedagógico, o que antes “funcionava”, hoje já nem cabe mais, as demandas são outras, os desafios se avolumaram, a sociedade mudou em uma velocidade inimaginável, as relações entre os sujeitos são outras, configurando-se nas alterações dos tempos do pós-modernismo.

A sociedade mudou; família e escola fazem parte dessa sociedade, onde há a falta de valores morais e éticos. Vivemos num processo de mudança e é importante que cada seguimento assuma suas responsabilidades. Nós educadores, devemos procurar, em nossa

ação pedagógica, resgatar o prazer dos valores familiares, sociais e humanos, para assim, encontrar o caminho satisfatório na escola e no entorno dela.

Hoje, os grandes responsáveis pela educação dos jovens – na família e na escola – não estão sabendo cumprir bem o seu papel. É a falência da autoridade dos pais em casa, do professor na sala de aula, do orientador na escola.

O sociólogo Zygmunt tem “Modernidade Líquida” retrata bem a mudança desenfreada da sociedade; nela, é possível analisar e refletir sobre as mudanças que a sociedade moderna atravessa: desde o individualismo, até as relações de trabalho, família e comunidade, onde o tempo e o espaço deixam de ser concretos e absolutos, para ser líquidos e relativos. Como ele próprio afirma: “flui com facilidade”.

A sociedade impõe normas e regras, e os indivíduos tornam-se dependentes desta busca incessante para acompanhar estas mudanças, porém, falta-lhes tempo para estes reverem seus valores. As normas impostas são necessárias para que as pessoas possam seguir respeitando seus deveres e obrigações para com os outros, como também, conhecer seus direitos. “Seria imprudente negar ou mesmo subestimar a profunda mudança que o advento da ‘modernidade fluída’ produziu na condição humana” (BAUMAN, 2001, p. 15).

Sim, a condição humana mudou, os tempos mudaram, os pais preferem os programas de televisão, a terem um diálogo franco com a família. É comum vermos famílias inteiras, após um dia estressante de trabalho, grudados na televisão, deixando para segundo plano, uma conversa ou uma brincadeira com os filhos e filhas. Os familiares esquecem que o diálogo é essencial para o resgate da afetividade e do respeito entre os pais e os filhos.

Segundo Vasconcellos (2000, p. 23), a mídias audiovisuais, particularmente, a televisão, tem influenciado bastante as relações dos sujeitos, sobretudo, no interior dos lares. As reflexões são inegavelmente visíveis:

No cotidiano das famílias de hoje, sabemos que um dos grandes entraves para o diálogo é [e tem sido] o “vício televisivo”, simplesmente por comodismo, alienação e/ou medo se deixam levar pelos programas de televisão, um após outro de forma que podemos observar famílias inteiras que passam horas em frente a televisão quase sem trocar palavras significativas.

Hoje, realmente tem-se dado muito valor aos programas televisivos, pais e filhos(as) não têm mais tempo para uma prosa ao redor da mesa, durante o almoço ou jantar; o

que se vê, é: quando não estão dormindo, estão em frente à televisão, com os pratos de comida nas mãos, assistindo aos programas mais diversos.

Os pais esquecem que têm um papel fundamental na vida de seus filhos e filhas, que é proporcionar uma boa educação, impondo-lhes limites e, ao cumprirem seu papel, acreditamos que, teremos no ambiente escolar, um menor índice de indisciplina, pois, quando o aluno e/ou a aluna chegam à escola vão encontrar lá, regras e normas inerentes a uma “boa educação”. Eles e elas não querem aceitar as regras impostas pelas escolas, pois trazem outros valores impostos pela comunidade, onde residem, e não querem abrir mão deles, acarretando aí à insatisfação e a indisciplina. Então, a escola deve procurar meios de juntos, acordarem os princípios básicos para uma boa convivência, pois a escola não sobrevive sem os alunos e as alunas.

De acordo com Aquino (1998, p. 7) “as crianças hoje em dia não têm limites, não reconhecem a autoridade, não respeitam as regras e a responsabilidade por isso é dos pais, que teriam se tornado muito permissivo”.

O grande desafio para o professor e/ou professora é conviver com estes alunos e/ou alunas indisciplinados. O que nos leva a questionar, o que está acontecendo? O que está levando estes jovens e crianças a serem tão indisciplinados, chegando a serem violentos? Será que no mundo moderno (dito pós-moderno) tudo é permitido? Estas atitudes da modernidade atual, se não bem entendidas, ou trabalhadas, estão desintegrando as famílias e pondo em risco seus valores, acarretando assim, pessoas com baixa estima e sem limites.

A questão da indisciplina na escola é muito complexa, porque as percepções, em relação a temática, são variadas e atingem um grande número de pessoas envolvidas neste contexto. “A modernidade se transforma em constante busca por realizações” (AQUINO, 1998, p. 31). Compartilho esta reflexão, pois, assim sendo, os professores e as professoras e os educadores e as educadoras, de modo geral, devem preparar-se para acompanhar e orientar os alunos e alunas; não podemos ficar passíveis a tais transformações. A globalização exige que nós, educadores e educadoras, procuremos nos capacitar, qualificar e adquirir sustentabilidade e conhecimentos necessários para lidar com os desafios dessa modernidade desenfreada.

Para Paulo Carrano (2008, p. 109), as inter-relações entre professores e professoras e os alunos e alunas em contexto de conflitos no universo da escola, são percebidas assim: “Da parte dos professores, os jovens são, comumente rotulados de desinteressados pelos conteúdos escolares, apáticos, indisciplinados, alguns violentos, tidos como de baixa cultura, com sexualidade exacerbada e alienados, hedonistas e consumistas.”

Os professores e professoras reclamam dos alunos e alunas indisciplinados, não entendem que estes alunos e alunas também são testemunhas de que as aulas precisam ser mais movimentadas, dinâmicas e criativas, com uso das “novas tecnologias”, entre outros recursos necessários a esta dinamicidade, para que assim, quem sabe, o conjunto dos alunos e alunas passe a se interessar pelas aulas e desenvolvam/expresssem melhor seus comportamentos.

A escola se tornou uma arena de conflitos e possibilidades; sim, de conflitos entre os alunos e as alunas, entre alunos(as) e professores(as), ou vice-versa. Mas também, de possibilidades pois, nada melhor do que uma boa conversa e o acompanhamento sistemático (entre as partes conflitadas) que não se resolva a questão. Um bom diálogo é o caminho para se chegar ao acordo e às relações mais amistosas, no contexto da sala de aula e da escola, em geral. Precisamos dialogar cada vez mais, o diálogo é o caminho mais propício ao estabelecimento de amistosidades e de relações de respeito.

2.1 O PAPEL DA ESCOLA E OS DESAFIOS DA INDISCIPLINA

2.1.1 OS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO

As escolas em geral carecem de pessoas capacitadas, comprometidas e de políticas públicas voltadas para uma educação de qualidade. A unidade de ensino vem sendo palco de várias experiências, porém, nenhuma ou poucas são eficazes e permanentes; os governantes empurram projetos que não condizem com a realidade dos nossos alunos e alunas, e a escola, por sua vez, procura adaptá-los a sua clientela, que nem sempre apresenta-se adequado, quando está dar, o outro governo muda tudo e assim, inaugura-se a cultura do fracasso escolar, a qual, vem sendo experimentada por crianças e jovens que se afastam ainda mais, do ideal de sujeitos críticos e conscientes dos seus próprios direitos e deveres.

Segundo Garcia (1999, p. 102) “A indisciplina não é um fenômeno estático, está se evoluindo nas escolas”, e seu crescimento tem sido alvo de constante preocupação por parte dos professores e professoras, bem como, de toda a comunidade escolar. Conforme Piaget (2000, p. 20) as estratégias/modos de se buscar caminhos para os diálogos (e contratos de convivência) no contexto da escola revela que:

O professor que na sua sala de aula dialoga com seus alunos, busca decisões conjuntas por meio da cooperação para que haja um aprendizado através de contratos, que honra com sua palavra e promove relação de reciprocidade,

sendo respeitoso com seus alunos, obtém dessa forma um melhor aproveitamento escolar.

A indisciplina, na sala de aula, é uma questão que não poderá ser resolvida de forma isolada, ou seja, somente na esfera escolar, pois essa problemática, muitas vezes, tem causas e consequências que ultrapassam os “muros” da escola. Faz-se necessário portanto, uma maior aproximação entre a escola, a família e as outras esferas públicas, como o Conselho Tutelar, as Promotorias da Infância e da Juventude, bem como, outros órgãos e instituições (de caráter governamental e não-governamental, como por exemplo: as entidades associativas, que desenvolvem trabalhos voltados para a infância e a juventude) que auxiliem na elaboração de estratégias conjuntas, visando um trabalho integrado, não apenas discutindo dificuldades existentes no contexto escolar, como também, possibilitar a inserção de novos olhares estimulando uma ressignificação das formas e modelos de interação nesse contexto.

Sabemos que, a falta de limites de alguns alunos e/ou alunas ocorre porque a família tem atribuído à escola, a responsabilidade de instruir e educar seus filhos, se omitindo de sua responsabilidade; isso contribui para a formação de comportamentos inadequados, inclusive, na sala de aula.

O tema em questão é um dos grandes desafios com os quais se defrontam as instituições de educação básica, sejam elas públicas ou privadas. Sendo até motivo de encaminhamentos de alunos e/ou alunas para acompanhamentos clínicos especializados, como: psicólogos e médicos, para possíveis “tratamentos”. Essa temática também apresenta-se como objeto de estudos acadêmicos, seja a nível de cursos de graduação e/ou pós-graduação.

Na comunidade escolar, nos sentimos, muitas vezes, impotentes com as frequentes queixas dos professores e/ou professoras e até, dos próprios colegas destes alunos e/ou alunas, frente a este problema que vem, cada vez mais, se agravando. Grande parte dos professores(as) encontram dificuldades e/ou não estão preparados para lidar com a complexidade da indisciplina no âmbito escolar.

É desafiante para os educadores e educadoras e, principalmente, para os professores e professoras conviver, no dia a dia da sala de aula, com aqueles alunos e alunas que não tem limites, os quais, apresentam comportamentos inadequados e não querem obedecer às normas estabelecidas pela unidade de ensino.

De acordo com as reflexões pedagógicas, apontadas por Paulo Freire (1996, p. 34), no que se refere a questão da indisciplina, salienta-se que,

A indisciplina não é aquela em que os discentes têm de ficar quietos, ouvindo o que o docente tem a transmitir, mas no alvoroço dos inquietos, que estão com suas curiosidades aguçadas em busca de conhecimentos.

Para os professores e professoras a questão da indisciplina apresentada por certos alunos e/ou alunas prejudicam o andamento do trabalho pedagógico, acarretando bastante prejuízo, como: o barulho excessivo, a não realização das atividades propostas, a falta de obediência, além de criar um clima de anarquia geral, que chega a contaminar os demais na sala.

Para Parrat-Dayan (2008, p. 21), quanto as desordens no contexto escolar, esse autor destaca ainda que esses

conflitos em sala de aula caracterizam-se pelo descumprimento de ordens e pela falta de limites como falar durante as aulas o tempo todo, não levar o material necessário, ficar de pé, interromper o professor, dentre outras atitudes que atrapalham e impedem os docentes de ministrarem as aulas.

Diante disso, percebemos que a escola hoje, tem sido palco deste grande desafio que é: “controlar” estes alunos e alunas, que vem para sala de aula, com o intuito de bagunçar ou perturbar o andamento das aulas. Nas conversas com os alunos e alunas da escola onde trabalho, descobrimos que tem estudantes que não trazem os livros de determinados professores e/ou professoras, pois sabem que os mesmos, não os aceitam sem o devido material, e a consequência é ir para fora da sala; assim, quando tem algum técnico disponível na escola cobra deste aluno e/ou aluna telefonar para os pais, quando não, eles e/ou elas ficam nos corredores, “perturbando” o processo educativo.

2.1.2 A PUNIÇÃO COM REPRESSÃO

Para Michel Foucault (2004) a disciplina também se manifesta nas escolas. É preciso que a escola conscientize-se que não se resolve indisciplina com violência e, uma atitude exercida hoje com um aluno sem a certeza dos fatos, pode repercutir para a vida toda deste aluno, quando este se sentir injustiçado. Ainda conforme Foucault (2004, p. 18) – “quase sem tocar o corpo, a guilhotina suprime a vida, tal qual como a prisão suprime a liberdade, ou a multa tira os bens”.

Uma medida tomada sem a devida apuração dos fatos, sem procurar ouvir os dois lados, mesmo sendo ele um aluno indisciplinado, pode causar danos irreparáveis na sua vida

afetiva e escolar; para Foucault (2004) não podemos usar da agressão para punir um comportamento violento.

A obra de Michel Foucault é uma narrativa dos horrores que aconteciam nas prisões, o que as pessoas sofriam para pagarem suas penas; elas eram punidas de maneira cruel e sanguinária, tirando as vidas das pessoas com absoluta frieza e maldade. Hoje, embora se tenha alcançado ou banido tais crueldades, ainda ouvimos narrativas estarecedoras de punições por parte de pessoas que se acham donos dos poderes e praticam os maiores absurdos com àqueles que são desprovidos dos saberes básicos. Ele, Foucault, deixa bem claro que, existe uma relação entre o poder e o saber: o autoritarismo dos que ostentam o poder se sobrepõe aos mais humildes e necessitados; ainda usando de medidas desumanas, para punir pessoas, muitas vezes, inocentes.

A escola, por sua vez, tenta instruir as pessoas sobre os valores humanos dizendo que: somos iguais perante as leis, mas, com tristeza, ainda encontramos educadores desprovidos do amor humano; ou seja, estes demonstram claramente que preferem um ou outro aluno, uns porque são comportados, outros porque vem de famílias mais abastadas (e são considerados limpos e tem bons modos). Os estereótipos negativos são aplicados aos sujeitos indisciplinados ou carentes, que muitas vezes, são revoltados e punidos pela própria sorte.

Conforme Foucault (2004, p. 125):

“[...] nesse conjunto de alinhamentos obrigatórios, cada aluno segundo sua idade, seus desempenhos, seu comportamento, ocupa ora fila, ora outra; ele se destaca o tempo todo numa série de casas; [...] que marcam uma hierarquia do saber ou das capacidades [...]”.

A disciplina ocorre na escola de várias maneiras: quando os alunos são colocados enfileirados para entrarem para as suas salas, na ordem alfabética das cadernetas dos professores, quando se destacam nas atividades escolares, etc. são medidas disciplinares aplicadas pelas escolas, em geral, para que se possa fluir um bom trabalho e a harmonia entre eles (alunos e alunas); como também, para a organização da própria escola.

Considerando que o aluno e/ou aluna indisciplinado apresenta um comportamento arreadio e sempre tem espírito de liderança, o professor e/ou professora deve buscar meios que façam a turma interagir em suas aulas, buscando conquistar o interesse desse aluno e/ou aluna, que apresenta tal comportamento, para que o mesmo sentindo-se valorizado, passe a adquirir modos de uma boa convivência entre os colegas na escola.

A escola, por sua vez, deve mostrar ao aluno e/ou aluna que vivemos em uma sociedade e, sendo assim, devemos obedecer a algumas regras básicas para nossa

sobrevivência e que, na escola, não é diferente, devemos obediência às normas estabelecidas por ela, no Regimento Escolar³, ou nas diversas leis que versam sobre este assunto

Como diz De La Taille (1994 apud PIAGET, 1998, p. 120) “Se desde cedo a criança aprende que há limites a serem respeitados, aos poucos ela própria vai compreendendo que as regras são como contratos estipulados para que todas as partes sejam beneficiadas” e, assim, de tal modo, compreendem que as regras fazem parte de um convívio mais saudável, pois todos e todas são igualmente contemplados; a convivência vai se tornando, cada vez mais, harmoniosa (pelo menos, é o que se espera, quando os sujeitos elaboram e estabelecem regras para nortearem/orientarem suas próprias relações, no cotidiano de suas atividades e convivências diversas, em contextos sociais).

De acordo com esta reflexão, podemos considerar que: o aluno e/ou aluna deve compreender desde o início de sua formação, que o respeito às regras faz parte do processo educacional e de convivência mútua e que, sua adesão, também é uma escolha para o seu próprio convívio com os outros sujeitos. Estes sujeitos, desde cedo, apreenderão ou vivenciarão escolhas no mundo e/ou contexto em que estão socialmente inseridos, e decidir, é uma prerrogativa inerente aos sujeitos humanos racionais, no universo socialmente identificado.

Para que isso aconteça, é necessário que a família também coopere, incentivando os filhos e as filhas no processo da “boa educação”⁴. Nessa mesma perspectiva, consideramos também que, a escola seja aberta ao diálogo, que estejam todos conscientes dos objetivos que almejam alcançar, em um esforço comum, em que os sujeitos que fazem parte da comunidade escolar, sejam: mães, pais, alunos e alunas, professores e professoras, bem como, toda a equipe de funcionários e funcionárias, realizem um debate comunitário para que, através do diálogo cooperativo, possam juntos elaborar o Projeto Político Pedagógico – PPP⁵, definindo o que de melhor para a escola como um todo. Assim sendo, a escola pode exigir e cobrar dos pais, mães e/ou responsáveis por seus filhos e filhas, respeito e cooperação ao contrato social-político-pedagógico, anteriormente elaborado, definido, estabelecido e compactuado na escola.

³Regimento Escolar é um documento administrativo e normativo de uma unidade escolar, fundamentada na Proposta Pedagógica. Para estabelecer a organização e o funcionamento da escola e regular as relações entre os participantes do processo educativo.

⁴Compreendemos “boa educação” o estabelecimento de convivência mútua onde os sujeitos escolhem relacionarem-se sob o prisma do respeito ao outro – considerando suas identidades socialmente e culturalmente construídas e compartilhadas com seus pares ou não.

⁵O Projeto Político Pedagógico é um documento elaborado com os resultados do diálogo entre os diversos seguimentos da comunidade escolar a fim de organizar e planejar os trabalhos administrativos/pedagógicos, buscando soluções para os problemas diagnosticados.

Diante das dificuldades encontradas por todos que fazem parte da comunidade escolar, muitos educadores e educadoras se encontram despreparados para lidar com os diferentes conflitos na sala de aula, dificultando todo o processo educativo.

A indisciplina no meio educacional é vista como a manifestação de um aluno com um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzido na falta de educação ou desrespeito pelas regras pré-estabelecidas na bagunça, agitação ou desinteresse (CHAGAS, 2001, p. 39).

Este aspecto da indisciplina citado por Chagas (2001) é associado aos alunos e alunas pela própria escola. Muitas vezes, a escola não considera, os valores e o meio social onde vivem estes sujeitos escolares; a escola deve está preparada para receber o aluno e/ou aluna da melhor forma possível pois, compreendemos este espaço (notadamente, a escola) como o lugar de *conhecer, saber, ser e conviver*.

2.1.3 OS PRINCÍPIOS BÁSICOS DA EDUCAÇÃO

Os princípios básicos da educação, segundo Morin (2004), nos induz a fazermos uma reflexão sobre que educação queremos; os desafios da sociedade moderna têm implicações em nossas práticas pedagógicas, uma vez que, a velocidade dessa modernidade, amparada pela inclusão das novas tecnologias, nos conduz a pensar: que caminhos devemos seguir? A nossa condição humana está preparada? Porém, não devemos desanimar diante de tantos desafios; as incertezas estimularão a construir conhecimentos necessários para enfrentar os riscos desse progresso desenfreado. Contudo, percebo que o homem, cada vez mais, se distancia um do outro nessa busca incessante pelo conhecimento. Os erros acontecem, mas fazem parte da travessia, devemos aprender com eles, isso é comum; devemos estar abertos à mudanças, ela é fundamental para o nosso crescimento.

Para Morin (2004, p. 16) “A educação do futuro, em sua missão de promover a inteligência geral dos indivíduos, deve ao mesmo tempo utilizar os conhecimentos existentes, superar as antinomias decorrentes do progresso nos conhecimentos especializados e identificar a falsa racionalidade.”

Para ele, as pessoas não sentem mais os vínculos com seus concidadãos; cada um é cada um, o outro não é importante para o seu crescimento; diante dessa afirmativa, o homem do futuro se torna, cada vez mais, solitário, individualista. Porém, ninguém sobrevive sozinho, devemos pensar em equipe (como por exemplo: “hoje eu sou uma gota de água que se juntar

com tantas outras formaremos um oceano”). As pessoas não se reconhecem como seres humanos sociáveis, vivem no isolamento, onde o ter, vale mais que o ser; é preciso que nos conheçamos como seres humanos e que juntos poderemos promover a consolidação das nossas ansiedades, dos nossos projetos e ampliar nossa história aqui na terra.

Segundo Edgar Morin (2004) os sete saberes necessários para a educação do futuro são: considerar os erros, na construção do nosso futuro, com os conhecimentos pertinentes a nossa condição humana, enfrentando as incertezas, com sabedoria, por meio do diálogo, exercitando sempre a ética e os bons costumes.

A educação deve contribuir para o desenvolvimento de cidadãos e cidadãs críticos, consciente dos seus deveres e direitos, perante o mundo em que vivemos. Assim, o desenvolvimento conjunto das atividades e das participações comunitárias, estimulam a consciência acerca desta realidade.

A indisciplina pode ser um reflexo da ausência de condições adequadas da educação familiar; o aluno e/ou aluna traz para a escola os valores e atitudes que foram aprendidos até aquele momento; assim, ao ingressar na instituição encontram uma cultura própria (uma cultura escolar previamente estabelecida) e são influenciados por esta, podendo também, influenciá-la, pois, passarão, a partir daquele momento, a fazer parte dessa nova organização, como sujeitos participantes e políticos.

Muitas vezes, os alunos e alunas resistem àquela cultura escolar, tentando impedir, não só o trabalho do professor e/ou professora como, da cultura escolar em si. Esta resistência pode ser entendida também, como uma forma de indisciplina, destarte, pois, tudo o que acontece no universo da escola, faz parte da sua própria dinamicidade, ou seja, não é alheio ao exterior, mas pelo contrário, é também reflexo do “mundo lá fora”, o qual, está conectado com o “mundo aqui dentro”.

Para Amado (2001, p 33) a escola será sempre palco de conflitos e correlações de força, assim: “a escola passa a ser o local de confronto ativo, onde os alunos resistem a valores que se opõem aos seus, aos do seu grupo, dando origem ao que ele denomina de contra cultura. E a disciplina poderia ser compreendida como resistência”.

Já conforme as reflexões de Tardif (2002, p. 129) “a escola acolhe alunos de diferentes origens, social, cultural, étnico ou econômico, abrigando uma população heterogênea, sem contar as disparidades cognitivas e afetivas entre o alunado”.

Para que essas marcas de relacionamento entre professor(a) e aluno(a) sejam positivas, aquele precisa combinar autoridade com respeito e afetividade, ou seja, ao mesmo

tempo em que o professor e/ou professora estabelece normas, deixando claro o que se espera dos alunos e/ou alunas, deve também, respeitar a individualidade dos estudantes.

O “bom” professor e/ou professora é o que consegue enquanto fala trazer para os alunos e alunas até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos e alunas cansam não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 1996, p. 96).

Entende-se o “bom” professor e/ou professora aquele(a) que surpreende seu alunos e alunas na sala de aula por vontade própria, em prol da aprendizagem, e não com base no autoritarismo. Aquele(a) que usa com rigor a sua autoridade, não admitindo contradições, não ajuda resolver o problema de indisciplina dentro da sala; na maioria das vezes, por falta de orientação sobre como agir diante da indisciplina na sala de aula, o professor e/ou professora atua da forma que mais lhe convém, utilizando-se apenas de sua experiência e bom senso, às vezes dar certo, outras vezes, não. É preciso descobrir onde e como o problema se manifesta, a fim de criar meios para que aconteça a interação na sala, com atividades que sejam prazerosas e que contribuam para a pacificação e a melhora do ensino e da aprendizagem.

Conforme, destacado na Constituição Brasileira Federal de 1988, a educação é um direito de todos e um dever do Estado e da família; o artigo 205º expressa que: a finalidade da educação é o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para a cidadania e sua qualificação para o trabalho. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/1996 (LDB) retoma esse dispositivo no artigo 2º ao mencionar que: “a missão de cada escola, gestor e professor é promover o pleno desenvolvimento do educando preparando-o para a cidadania e qualificando-o para o mercado de trabalho”. Isso significa que, não basta cuidar só da tarefa de ensinar, a unidade de ensino também tem a competência de instruir os sujeitos acerca das outras dimensões que constituem um cidadão ou cidadã atuante.

2.1.4 O PAPEL DO PROFESSOR/EDUCADOR

Portanto, nós educadores e educadoras somos responsáveis pelas crianças e adolescentes que passam por nossas escolas todos os anos, assim sendo, é importante fazermos a nossa parte, que somados com os interesses de todos os envolvidos, talvez consigamos, pelo menos, tentar diminuir os crescentes índices de conflito no ambiente escolar. Para isso, é preciso buscar fundamentação teórica sobre estes fatores que são responsáveis pela indisciplina, bem como, sua interligação com outros contextos sociais.

3 UM OLHAR SOBRE O UNIVERSO DA SALA DE AULA: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS EM CONTEXTOS DE (IN)DISCIPLINA

3.1 ENTRE O REAL, O IMAGINADO E O DESEJADO EM CONTEXTOS DE (IN)DISCIPLINA

Neste capítulo, abordaremos a questão da minha prática docente e as vivências e experiências em contextos de (in)disciplina, considerando justamente, que é na prática docente (no cotidiano escolar) que conseguimos observar as realidades emergentes, principalmente, no que se refere à questão da indisciplina; problemática que tem afligindo professores e professoras, bem como, toda a equipe pedagógica das escolas. Para tanto, o *locus* da minha observação é a escola em que desenvolvo a prática profissional docente, notadamente, a E. E. E. F. Gonçalves Dias, que está localizada na Rua Humberto Paiva de Carvalho, no bairro do Cristo Redentor, João Pessoa (PB). A escolha dessa temática foi devido as observações realizadas nesta unidade de ensino, o que proporcionou-me reflexões acerca de que, precisamos, urgentemente, elaborar estratégias de intervenção pedagógica, que possam efetivamente contribuir com a realidade em que estou inserida, especialmente, no que tange ao problema da indisciplina. Para desenvolver este estudo, escolhi duas turmas do 4º ano do Ensino Fundamental I, composta por 10 e 12 alunos(as), respectivamente; nesta pesquisa foi mantido o sigilo quanto a identidade desses estudantes.

Os dados foram sistematicamente coletados através da técnica da entrevista estruturada que, de acordo com Triviños (1997) parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas e reflexões posteriores.

Para confirmar este trabalho, também realizei conversas “informais” com as professoras das duas turmas e, com seus respectivos alunos e alunas; a opção por essas turmas ocorreu por serem as classes que geralmente recebo mais reclamações: seja pelo comportamento ou devido aos conflitos existentes com características da indisciplina. As turmas foram adequadamente observadas durante um certo período (meses de Maio à Junho de 2014) e assim, pude registrar os possíveis detalhes relativos ao comportamento dos alunos e alunas e suas respectivas professoras, como também, das reações e dos acordados entre ambos.

Nessa perspectiva, trazemos algumas considerações a partir do que foi apreendido durante nosso trabalho: em relação aos alunos e alunas, além da observação e do

acompanhamento sistemático, fiz algumas atividades lúdicas para sondar o comportamento dos mesmos, com o objetivo de aplicar um questionário aberto, com as turmas em questão; antes realizei uma conversa informal para poder iniciar as atividades. Os alunos e as alunas não mostraram nenhuma reação contra, e até culminaram com alguns desenhos, expressando assim, desenvolvimentos e contentamentos com a atividade proposta e devidamente aplicada⁶.

A escola em questão é conceituada como uma boa escola, tanto na comunidade escolar como, no entorno dela: por apresentar um bom relacionamento com sua clientela e está sempre aberta ao diálogo, com mães e pais; partindo do princípio de que o seu papel é preparar o alunado para que sejam “receptores” do bom caráter, cidadãos e cidadãs conscientes dos seus direitos e deveres. A escola está bem localizada, de fácil acesso, com parada de ônibus próxima. Essa instituição foi construída no governo de Wilson Leite Braga, em regime de mutirão escolar, inaugurada em 1985; ele é composta de 08 salas de aulas, 01 sala para reforço escolar, 01 biblioteca, 01 sala de informática, 01 secretaria, 01 sala dos professores, a diretoria, a sala dos técnicos, a cozinha⁷, o almoxarifado, 05 banheiros, 01 pátio interno e outro espaço externo para as reuniões e/ou apresentações das atividades pedagógicas-educativas e lúdicas, como as atividades festivas. A escola ainda possui 02 bebedouros com água tratada e gelada, além de 01 quadra poliesportiva, em pleno funcionamento.

A biblioteca possui um ótimo acervo, onde os professores e professoras sempre a utilizam com os alunos e alunas nas atividades de “rodas de leituras”, as quais considero de grande relevância, para o processo ensino-aprendizagem. Já o laboratório de informática tem 10 computadores funcionando, porém, este ambiente tem pouco uso, a não ser, para exibição de filmes educativos que algum professor ou professora necessita da televisão, que se encontra nesta sala. Nesta unidade de ensino não existem pessoas capacitadas para exercerem tal atividade, apesar dos alunos e alunas, como também, os responsáveis, sempre reivindicarem.

A escola atende uma comunidade de baixa renda; algumas crianças e jovens têm contato direto e/ou indireto com a violência e o tráfico de drogas. Infelizmente, alunos(as) nossos(as) já foram assassinados(as) por essas causas; lamentamos bastante, por vivenciarmos fatos como esses entre os “muros” da escola.

⁶ Ressaltamos que, não é nossa intenção fazer nenhum tipo de “tachamento” inadequado em relação às práticas das nossas colegas, portanto, registramos que respeitamos muito todas, além dos nossos alunos e alunas que se dispuseram, de alguma forma, a colaborar com o nosso trabalho.

⁷ A merenda escolar é de boa qualidade e bem distribuída para os alunos e alunas dos três turnos (manhã, tarde e noite); seguindo um cardápio conforme o gosto e o paladar dos mesmos. Os produtos alimentícios e as refeições são frequentemente fiscalizadas pelo Conselho Escolar.

3.2 CENÁRIOS E SUJEITOS

A escola onde realizei este trabalho de pesquisa foi a E. E. E. F. Gonçalves Dias, a qual está localizada na rua Humberto Paiva de Carvalho, no bairro do Cristo Redentor, em João Pessoa/PB. A escola atende uma clientela de 322 alunos distribuídos nos três turnos, funcionando manhã e tarde com o Ensino Fundamental I e II, e à noite, com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). O quadro institucional é formado por 63 funcionários, dos quais, 33 são professores; todos estes, tem nível superior nas suas áreas de ensino, em que atuam, e alguns tem especialização. A gestão é formada por um diretor geral e uma diretora adjunta, os quais, se revezam nos três turnos. A escola conta com alguns projetos como: O Programa Mais Educação, que atende os alunos com déficit de aprendizagem e problemas comportamentais, em regime integral, ou seja, se o aluno frequenta a escola no horário da manhã ele vem participar deste programa no horário oposto ou vice-versa; a unidade de ensino também está interligada ao Programa Escola Aberta, que atende alunos e a comunidade, do entorno da escola, através de diversificadas oficinas (aos sábados). Esta unidade de ensino também possui uma turma de correção de fluxo, para atender aos alunos com distorção entre idade e série.

3.3 POSTURA DO ALUNO/ALUNA DIANTE DA INDISCIPLINA EM SALA DE AULA

Para refletirmos sobre esta questão, isto é, a (in)disciplina, consideramos a identificação subjetiva de pelo menos duas formas de comportamento de alunos e alunas, frente a realidade: primeiro identificamos aqueles(as) do tipo que age a favor da disciplina, já o outro grupo, é o tipo que se incomoda com a disciplina e desponta para a indisciplina. Em ambos os casos, podem ser encontrados os mais variados modo de agir; os “indisciplinados” são os “respondões”, que desafiam a autoridade do professor e/ou professora ou mesmo, da gestão, não respeitando ninguém; estes(as) alunos(as) de mau comportamento se recusam a acatar as regras escolares, tais como: realizar as atividades no tempo certo (indicado para sua realização); permanecer no interior da sala de aula (alguns ficam trafegando, alheios pelos corredores); outros, não querem usar o fardamento da escola, entre outras questão que emergem no cotidiano da instituição, assim como, da própria sala de aula.

Na maioria das vezes, estes alunos e alunas tendem a atrapalhar as aulas com conversas paralelas e brincadeiras inadequadas, para aborrecer os outros alunos(as), que querem estudar (pelo menos, é assim que entendemos esta realidade).

Os alunos e alunas, que se incomodam com o barulho da sala, agem de maneira bem variada. Alguns se perturbam por não conseguirem se concentrar, outros nem tanto, sentam-se nas carteiras da frente e não reclamam; existem ainda aqueles(as) que aderem a situação de indisciplinados mas, fazem as atividades propostas em tempo hábil e conseguem a aprovação no final do ano letivo, inclusive estes(as), quando chamamos para uma conversa sobre seu comportamento, geralmente, exclamam: veja minhas notas!

Diante de tudo isso, ainda tem alunos e/ou alunas que, por se sentirem incomodados e prejudicados (quando ainda são menores), pedem aos pais para irem para outra escola e os maiores, já pedem a transferência para outra instituição escolar. Inclusive na escola onde trabalho temos exemplos de alunos e/ou alunas que pediram a transferência por conta dos outros alunos e/ou alunas indisciplinados ou que expressam comportamentos violentos; novamente, estamos vivenciando o real, ou seja, a dinamicidade da escola de forma geral. Claro que, esta realidade não é inerente apenas a “minha” escola, mas atualmente, faz parte de toda uma conjuntura socioeconômica das quais, já tivemos a oportunidade de falarmos anteriormente neste trabalho; são aspectos que tem emergido na sociedade globalizada desumanizadamente desenfreada, talvez, nunca antes visto na história da humanidade, assim como, no próprio contexto da nossa realidade local. Desta forma, podemos dizer que, estamos cada vez mais, ficando perplexos diante do “caos” em que estamos vivenciando em tempos pós-moderno.

Certamente, a escola tem absorvido toda esta dinâmica e/ou conjuntura a nível mundial e tem, cada vez mais, se desconstruído com seu papel social, ou seja, tem ficado desconcertada frente a tantos (des)caminhos. Isso é notório também, na nossa realidade pois, os desafios são tanto que, chegamos até a pensar onde vamos parar, frente a tantas desventuras, nesse mundo dito globalizado.

3.4 A FAMÍLIA E A ESCOLA (DIREITOS E DEVERES)

Para viver em sociedade, é necessária a observância das leis e regras estabelecidas pelo poder público (o Estado), que são capazes de orientar as relações para facilitar e possibilitar o diálogo, a cooperação e a troca entre os grupos de uma comunidade. Não seria diferente na escola, que também, precisa de regras e normas para o bom funcionamento; é

preciso que as crianças e os adolescentes conheçam e obedeçam a essas normas estabelecidas. Em contrapartida, não podemos esquecer de que, muitas vezes, para obedecer às regras e às normas estabelecidas, torna-se necessário também, compreendê-las e participar da sua formulação.

Crianças precisam sim de aderir às regras e estas somente podem vir dos seus educadores, pais e professores. Os ‘limites’ aplicados por estas regras não devem também ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o limite situa, dá consciência da posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola, e a sociedade como um todo (DE LA TAILLE, 1994 apud PIAGET, 1998, p. 9).

Quando falamos que os alunos e alunas têm liberdade na escola, não significa dizer, necessariamente, que isso seja confundido com ausência de controle, pois, os limites apresentados pela escola e pela família demonstram que ambos se interessam pela boa formação da criança e do adolescente e, que eles/elas precisam entender que limites, regras e normas existem para orientar o cidadão e/ou cidadã na sua vida em sociedade. Certamente, os alunos e alunas conhecem bem seus direitos e deveres, considerando que, geralmente, sabem cobrar os direitos (uma vez que, é mais fácil cobrar, do que cumprir). De igual modo, não podemos eximir a escola de sensibilizar esses sujeitos, para que estes conheçam seus direitos e possam efetivamente usufruir dos mesmos, além de, orientá-los também, para que conheçam os seus deveres, em contextos mútuos de sociabilidades. Portanto, a discussão dos direitos, assim como, dos deveres, em contextos de (in)disciplinas, devem estar lado a lado, para que os sujeitos compreendam a multiplicidade da dinâmica em que estão inseridos.

A Constituição Federal de 1988, no seu artigo 227º, estabelece como dever da família, da escola e do Estado assegurar à criança e ao adolescente com absoluta prioridade, dentre outros direitos, a educação. Já de acordo com o artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), este estabelece uma prerrogativa indissociável em que “A educação, dever da família e do Estado, inspirada no princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Em relação à formação, o conforto, a educação e o bem estar da criança, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8069 de 13 de julho de 1990, determina no seu Artigo 4º que: “é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos e deveres referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e convivência familiar e comunitária”; já no seu artigo 19º

versa que “toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família”.

No capítulo II, o artigo 17º do ECA descreve sobre o direito a Liberdade, ao Respeito e a Dignidade; o direito ao respeito consiste na preservação da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideais e crenças, dos espaços e objetos pessoais. No artigo 18º deste mesmo documento, relate-se que “é dever de todos zelar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, vexatório, ou constrangedor”.

Cientes de que há diversas leis que regulam e orientam a educação e a formação das crianças do nosso país, ousamos buscar o entendimento sobre o cumprimento dessas leis, tendo em vista que, a indisciplina continua sendo uma constante, dentro do espaço escolar. A junção de pais e mães, professores(as) e ou educadores(as) terá que formar uma aliança e não só, esperar o cumprimento das leis estabelecidas pela sociedade vigente; pois nós somos responsáveis pelos nossos alunos e alunas, e aceitamos o compromisso, na hora em que aderimos trabalhar com a educação de modo geral – esta é a nossa profissão docente.

As atividades realizadas com os alunos em sala de aula foram de fundamental importância para o término deste trabalho pois, pude fazer uma leitura dos anseios dos alunos e das atitudes comportamentais dos mesmos. Os questionários aplicados foram construídos por meio de questões norteadoras abertas, que buscaram apreender a problemática em questão (porém, antes de aplicá-los, conversei com as professoras da sala de aula sobre quais indagações seriam adequadas e interessantes para alcançar tais objetivos deste trabalho monográfico). Desta forma, elaborei cinco questões, as quais, sob o meu ponto de vista, configurariam as mais pertinentes para essas amostragens, são elas: Você acha que trata bem a sua professora? Vários alunos responderam que sim, outros acrescentaram que gostavam dela. Você acha certo agredir alguém? Muitos colocaram não, porém, teve quem colocasse sim, que se fosse agredido pelo colega, não iria ficar apanhado. Você se acha um aluno Indisciplinado? Um ou outro aluno colocou sim mas, a maioria colocou não.

Outras perguntas abordadas foram: Como você se avalia na sua escola? Alguns alunos disseram que gostam da escola, outro disse que não gosta de estudar pela manhã pois, tem muito sono e não gosta de acordar cedo; um aluno colocou que não gosta pois, queria estudar aonde o irmão mais novo estuda (que é em uma escolinha particular perto de sua casa); obs.: mesmo não gostando da escola, este aluno não era trabalhoso. Você respeita seus pais? A grande maioria falou que sim, porém, as respostas de dois alunos foram negativas,

pois disseram que moram um com a avó e o outro, com uma tia, e que as mães não ligam para eles. Diante de todas essas respostas dos alunos, identifiquei que, apesar de alguns deles serem indisciplinados, os alunos tem noções básicas de comportamento, porém, não acatam ou não querem acatar, as normas da escola, seja por preguiça e/ou falta de acompanhamento e cobrança por parte de alguns pais.

Assim, percebemos que, ao longo do tempo, a instituição familiar vem sofrendo desgastes na sua constituição (em que mães e pais não se preocupam em manter união do casamento, ou compreender um ao outro, etc, isso é coisa do passado; hoje em dia, esses valores, para muitos sujeitos, estão ultrapassados). Há ainda, pais que reconhecem as dificuldades porque passam as escolas, mas, diante do caos que se instalou, estas questões indisciplinadas são pouco estudadas/valorizadas. Os limites apresentados pela escola e pela família demonstram que ambos se interessam pela boa formação da criança e do adolescente e que eles precisam entender que limites, regras e normas existem para orientar o cidadão na sua vida em sociedade. Certamente, os alunos conhecem bem seus direitos e deveres, considerando que, geralmente, sabem cobrar os seus direitos, tendo em vista que, é mais fácil cobrar do que cumprir.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das pesquisas efetuadas na escola, das leituras realizadas, em que diversos autores versavam sobre a indisciplina escolar, nos deparamos com uma realidade que, sabíamos ser frequente, contudo não imaginávamos ser um problema tão sério.

Não descartamos que essa problemática faz parte de toda sociedade e afeta as instituições educacionais, tais como: a família, a igreja e a escola; entendemos que essa temática pode ter um enfoque curricular, saindo desses métodos ultrapassados, de medidas punitivas e repressivas. Dando lugar ao uso de novas tecnologias e aulas mais criativas.

A indisciplina tem sido um grande desafio para os docentes e representa um dos obstáculos ao trabalho pedagógico que, geralmente, está preso à cobrança de bons resultados dos seus alunos e alunas. Necessitamos de postura compartilhada e investimento na “prevenção” desses comportamentos com critérios adequados, bem como, a participação dos alunos e alunas, professores e professoras, e toda a comunidade escolar, através de um diálogo entre todos esses “sujeitos da educação”, contextualizando e analisando as causas dessa problemática, favorecendo dessa maneira, a ação de novas alternativas.

Muitas vezes, os professores e/ou professoras usam “receitas prontas” que nem sempre dão resultados, devido à diversidade de situações e aprendizagens, que exigem tratamentos específicos. Deve-se entretanto, pontuar as situações no cotidiano escolar, criando um clima favorável à aprendizagem na sala de aula, com atividades esclarecedoras, que possam contemplar todas as singularidades e diferenças.

Portanto, a indisciplina escolar não se resume a um receituário de propostas, com o objetivo de enfrentar os problemas de comportamento e manter uma turma atenta, mas, devemos ser coerentes com os propósitos do ensino, enfocando que a “prevenção” é a melhor opção para se conduzir a situação. É através do trabalho preventivo que o professor e/ou professora incentiva o comportamento de seus alunos e alunas de forma positiva e amistosa; com trocas de experiências e diálogos, consideramos que algumas dessas práticas podem evitar as situações de indisciplina.

A partir dessas reflexões e análises apresentadas nesse estudo monográfico, constatei que as turmas em que realizei as observações são dirigidas por professoras-pedagogas, eu diria que, com uma metodologia “aceitável” ao sistema convencional. Porém, as duas turmas têm alunos e alunas bastantes “trabalhosos” e sem limites – alguns desses, usam muitos palavrões, palavras de baixo calão para com seus colegas e conversas

inadequadas para crianças⁸; desta forma, faz-se necessário uma intervenção mais séria, pois, essas crianças que apresentam tais comportamentos, faltam muitas aulas e são desmotivadas fazendo pouco caso das atividades propostas. Penso que as professoras poderiam melhorar na sua maneira de ministrar as aulas, usando metodologias mais atraentes e motivadoras; apesar de que, uma delas sempre traz para as aulas, atividades lúdicas para possibilitar a interação e interesse dos alunos e alunas da “sua” sala. Mesmo assim, tem alguns alunos que ficam disperso e é preciso que a professora chame a atenção destes, a todo momento.

Porém, durante essa experiência verifiquei a ausência de interesse por parte dos pais e das mães destes alunos e alunas faltosos que, quando interpelados sobre o assunto, dizem que saem cedo de casa para trabalhar e nada podem fazer. Vejo também, a necessidade de um acompanhamento por parte do Conselho Tutelar - Região Sudeste, para esses pais e mães, visto que, estes familiares, pouco participam do cotidiano escolar dos filhos e filhas, delegando apenas à escola, a responsabilidade da educação e formação das crianças/adolescentes; quando a responsabilidade, em parte, são deles.

Considero que, no meu estudo de caso, ao comparar e analisar as turmas escolhidas para este trabalho monográfico cheguei a conclusão que: tanto a família, como os professores e professoras, e a escola de um modo em geral, tem sua parcela de responsabilidade, que será cobrada em um determinado momento, a cada componente do grupo. Se alguém falhar nesse trajeto, com certeza, a indisciplina se apresentará, precisando de intervenção; desta forma, será necessário o envolvimento de todos nesse processo, com a atenção voltada para uma metodologia adequada, buscando meios de motivar os envolvidos no processo educativo. A falta da participação da família, na escola, contribui e muito, para o aumento da indisciplina; percebi nesta unidade de ensino que, a escola carece se adequar e realizar reuniões de pais, mães e mestres, periodicamente, para em conjunto, dialogarem sobre suas responsabilidades no processo educacional de seus filhos e filhas.

Em relação ao curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, este foi um grande desafio para mim, como também, a concretização de um sonho, pois, eu não tinha o título de pós-graduação. Aprendi muito, porém, por várias vezes, pensei em desistir, em decorrência das minhas limitações quanto ao uso das novas ferramentas tecnológicas. Foram tantas adversidades, mas, contei com o apoio e o incentivo dos colegas e da família, como também, com a compreensão dos professores deste referido curso, que fizeram com que eu chegasse até aqui. A cada novo módulo

⁸ Faixa etária de 7 a 9 anos.

apresentado, os conteúdos estimulavam significativas reflexões para nossa vida cotidiana, ou seja, dentro do contexto escolar, onde atuamos. Assim, ocorreram as trocas de experiências, tanto com os professores orientadores como, com os colegas da sala de aula. No que se refere aos módulos à distância, o uso destas novas tecnologias dificultaram um pouco, já que eu tinha pouca familiaridade com o uso dessas ferramentas. Porém, para minha surpresa, esse desafio só veio a acrescentar e a fortalecer a construção de um novo conhecimento, que aos poucos, foi se formando e hoje, aqui estou, digitando esta monografia (com alguma ajuda é claro). Atualmente, vejo-me envolvida por esse desafio gostoso que é navegar pela internet, da qual, eu não mais abro mão; pois este novo aprendizado facilitou bastante para alcançar a finalização e a conclusão deste curso.

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar” (FREIRE, 1996, p. 155).

5. REFERÊNCIAS

ALYRIO, Rovigati Danilo. Metodologia científica. In: AMADO, João da Silva. **Interação pedagógica e indisciplinares na aula**. Porto: Asa, 2008.

AMADO, João da Silva. **Interação pedagógica e indisciplinares na aula**. Porto: Asa, 2001.

ANTUNES, Celso. **A questão de indisciplina na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

AQUINO, Júlio Groppa (Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 23 de junho de 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 16 de junho de 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, DF, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 16 de junho de 2014.

CARRANO, Paulo. Identidades, culturais juvenis e escola: arenas de conflitos e possibilidades. In: MOREIRA, Antonio F. Barbosa e CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHAGAS, K. M. **Indisciplina na escola: de quem é a culpa?** Monografia do Curso de Pós-Graduação em gestão de Qualidade na Educação, Guarapuava-PR, 2001.

DE LA TAILLE, Yves. Prefácio à edição brasileira. 1994. In: PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Ática, 1998.

HOUAISS, Antonio. **Mini dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história de violência nas prisões**. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GARCIA, Joe. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza e colaboradores (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessário a educação do futuro**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- OLIVEIRA, Maria Isete de. **Indisciplina Escolar: determinantes, consequências e ações**. Brasília. Liber Livro. 2005.
- PARRAT-DAYAN, Silva. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. Trad. Silvia Beatriz Adone e Augusto Junca. São Paulo: Contexto, 2008.
- PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** 15 ed. Rio de Janeiro. 2000.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docente e formação profissional**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciência sociais**. Aspectos qualitativos em educação. São Paulo: Atlas, 1997.
- TIBA, Içami. **Disciplina: limite na medida certa**. São Paulo: Gente, 1996.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa na sala de aula e na escola**. 11 ed. São Paulo, Libertad, 2000.

ANEXO – QUESTIONÁRIO**Alunos das duas turmas do 4^o ano do Ensino Fundamental I**

1º - Você trata bem a sua professora?

2º - Você acha certo agredir alguém?

3º - Como você avalia a sua escola?

4º - Você se acha indisciplinado?

5º - Você concorda com as regras da sua escola?

6º - Você respeita os seus pais?

7º - Você recebe bons exemplos dos seus pais?

8º - O que você pensa das brincadeiras violentas na hora do intervalo?

9º - O que devemos fazer para evitar a indisciplina na escola?

10º - Você acha que a indisciplina influencia na sua aprendizagem?
